

POLOP e o Golpe Militar

CAIO LIMA DE OLIVEIRA CARVALHO

Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

carvalhocaio01@gmail.com

Eurelino Teixeira Coelho Neto, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: eurecoelho@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Esquerda, POLOP. Ditadura.

INTRODUÇÃO

A Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (Polop ou PO) tem sua fundação, resultante de articulações iniciadas no final dos anos 50 e consolidada no seu I Congresso em 1961, e a sua dissolução no interior do Partido dos Trabalhadores nos primeiros anos da década de 80. Com o golpe militar em 1964 a organização tem toda sua vida modificada. Ao mesmo tempo em que busca solução para acabar com a ditadura ela discute os motivos para que o golpe tenha sido triunfante. Os objetivos dessa pesquisa é compreender a análise da organização bem como as estratégias elaborada para o enfrentamento ao Estado militar.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A pesquisa baseia-se em análise documental e dispõe, para tanto, da coleção em poder do LABELU. Este *corpus* compõe-se de aproximadamente 1500 peças organizadas provisoriamente em cinco categorias, sendo essas: Teses Nacionais; Teses Gerais (internacionais); Periódicos (Política Operária, Marxismo Militante, Brasil Socialista, Teoria e Prática); Documentos de circulação interna (Boletins nacionais, Tribuna de debates, Circulares, Cadernos da Esquerda Revolucionária, Curso Básico); Documentos internacionais (vínculos internacionais da PO).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Por que os golpistas venceram? Pouco antes de acontecer o golpe burguês-militar, a Polop, assim como outras organizações já faziam a leitura da possibilidade do mesmo. No seu III congresso, dias antes do golpe ela afirmava que “*Jango presente que não lhe resta muito tempo para agir. No máximo, um semestre.*”¹, apesar do documento não ser assinado pela CN, podemos saber, que no mínimo alguns de seus militantes já faziam essa leitura. Outras organizações já especulavam que poderia ocorrer a queda do regime. Essa leitura era feita pela Polop tendo em vista a “*preocupação da burguesia para ter controle maior sobre o governo, um homem de ferro,*” esse homem seria o Lacerda. O “*desgaste com as áreas proletárias*”² que o Jango estava sofrendo, tornava seu governo insustentável. Semanas depois, o governo insustentável acabou caindo, infelizmente os que previam o golpe estavam certos.

Um dos primeiros documentos em que a Polop desenvolveu mais extensamente sua análise sobre o golpe e a ditadura foi nas “*Teses de “Tiradentes”*” em abril de 1965. O documento é composto por dez teses e já na primeira a Polop afirma que *o golpe militar se deu vitorioso, porque o movimento operário não tinha independência*³. As críticas que a organização fazia à esquerda, sobre a necessidade da classe trabalhadora se organizar sem acordos, sem conchavos de cúpulas das grandes direções sindicais, e a certeza de que a confiança depositada na burguesia nacional era um grande erro, teriam sido confirmadas com o golpe. A dependência da classe trabalhadora foi o fator

¹ **Proposta apresentada ao III congresso.** Autor: Desconhecido. Acervo AVM - LABELU. p.2.

² Ibid. p.2

³ **Teses de “Tiradentes”.** Autor: CN da ORM - Polop. Acervo: AVM – LABELU. p. 2.

determinante para a mesma não conseguir fazer uma articulação em torno de si com o campesinato e algumas camadas radicalizadas da pequena burguesia. A conclusão era de que “*hoje a tarefa fundamental de qualquer movimento revolucionário, é a formação dessa classe operária independente*”⁴ para realizar a articulação que ainda não é possível.

No mesmo mês de abril, a organização lança o primeiro de quatro textos da série intitulada *Aonde vamos?*. O primeiro e o quarto são assinados pela Coordenação Nacional da POLOP e o segundo e terceiro assinados por Érico Sachs, um dos dirigentes mais importantes da organização. Especialmente no primeiro texto, temos uma análise bastante profunda da vitória do golpe, diferente das “teses de Tiradentes”. Essa diferenciação de complexidade se dá pelo caráter de cada documento, o “*Aonde Vamos?*” foi escrito para formação e debate interno da organização, enquanto as “*teses de Tiradentes*” tinha o papel mais massivo e fora distribuído como panfleto.

No “*Aonde vamos?*” a Polop afirma que a esquerda se encontra desarticulada e sem condições de resistência à ditadura, diferente de como fora em 1961, quando a atuação do Rio Grande do Sul acabou repercutindo no Brasil todo fazendo os golpistas militares recuarem. *Após esse período, mesmo diante da radicalização das massas e crescimento das “frentes” e das “alianças” a esquerda se desgastou*⁵ e chegou a um beco sem saída. Com a confirmação do golpe em 1964, a esquerda não conseguiu um enfrentamento armado, ou combates para tentar a resistência, sendo assim, *a derrota foi uma derrota política*.⁶ A orientação liderada pelo PC, que apostava na aliança com a burguesia, gerou a tutela que não preparou a classe trabalhadora:

Essa tutela só foi possível na prática, porque a liderança da esquerda se omitiu conscientemente, o verdadeiro caráter de classe do Estado, do governo, do exército, dos partidos políticos, substituindo agitação e propaganda comunista por uma linguagem de populismo e nacionalismo⁷.

Dirigido por tal política, o proletariado não sabia quem era seu inimigo. O PC e a maioria dos sindicatos não conseguiram acompanhar a formação recente e massificada do proletariado brasileiro, que ficou *comandado por uma geração formada praticamente antes da grande expansão industrial que se deu entre nós, a esquerda oficial não sabia o que fazer com o novo proletariado*.⁸” paradoxalmente, quem se aproveitou desse proletariado foi a burguesia nacional, que manteve aliança com os sindicatos e partidos enquanto foi útil. Com a chegada do golpe militar, dirigido através de uma aliança da maioria da burguesia nacional com o imperialismo, o sonho das reformas de bases que seriam feitas “*na lei ou na marra*”⁹ é aniquilado

Quando o PCB passou a defender o nacionalismo essa posição pequeno-burguesa foi oficializada na esquerda. E por tempos as correntes, tanto socialistas, ligas e brizolistas, falavam a mesma língua, eram uma oposição somente no âmbito literário.

Por enquanto, a pesquisa conseguiu mostrar que esses são os principais motivos que a ORM – Polop entendeu como protagonistas na vitória do golpe militar em 1964. Mas, ainda existem muitas perguntas sem respostas e novas perguntas depois desses resultados. Dado o golpe vitorioso, toda esquerda brasileira começa a formular como enfrentar, a Polop não é diferente, e será esse o debate a seguir.

Outro documento da Polop sobre a ditadura militar é o “*Manifesto abaixo a ditadura*” publicado em abril de 1965 época em que o regime militar comemorava 1 ano de

⁴ Ibid. p.2

⁵ “*Aonde vamos?*” Autor: CN da ORM – Polop. Acervo: AVM – LABELU p.1

⁶ Ibid. p.1.

⁷ Ibid. p.2.

⁸ Ibid. p.4.

⁹ Slogan do movimento na década de 1960. “Reforma agrária, na lei ou na marra.”

triunfo. O documento foi rodado em formato de manifesto, escrito de forma fácil interpretativa, ou seja, sem muitos termos teóricos complexos ou um vocabulário mais intelectual, além de não conter análises mais densas da conjuntura.

A Polop é enfática da forma como se deve derrubar a ditadura, “*Por se travar contra os militares, a luta contra a ditadura será, antes de mais nada, uma luta armada.*”¹⁰.

Somente depois dessa vitória que irá surgir o governo dos trabalhadores, governo que irá aglutinar diferentes setores da classe trabalhadora e será revolucionário desde sua origem. Para que aconteça, a vanguarda revolucionária tem que conduzir e preparar a luta armada, tendo que fazer a junção entre a cidade e o campo, e vinculá-la estreitamente a luta diária das massas¹¹.

Esse posicionamento de luta armada irá sofrer algumas mudanças e amadurecimentos no decorrer da vida da organização. Nas “*Teses de “Tiradentes”*” a questão da luta armada ganha mais algumas formulações e a proposta de uma Frente de Esquerda Revolucionária (FER) volta a ser pautada.

Para a Polop, diante da ditadura militar, a única saída para aumentar a organização da classe trabalhadora é a derrubada do regime. Para isso acontecer, *temos que realizar as guerrilhas*¹², que, no Brasil, precisa dar conta dos seguintes pontos:

- a) garantir a sua sobrevivência militar, e isso supõe que b) vá ao encontro das aspirações imediatas dos camponeses que terá de mobilizar, direta e indiretamente; mas sua função em escala nacional só se preencherá se c) se identificar politicamente com o movimento proletário das cidades, cujo despertar é indispensável para o processo revolucionário.

A Polop propõe a guerrilha como não somente uma tática para derrubada do regime militar, mas também como estratégia para a revolução brasileira. “*Nenhuma guerrilha preparada e em ação deve ser desarticulada diante de uma possível “redemocratização”*”¹³, para a organização uma “redemocratização” será em transição para invertidas mais violentas se o proletariado não destrísse as bases que sustentaram o golpe militar e o fascismo. Desta forma, destruir as estruturas de guerrilhas seria desarmar o proletariado, *e daqui em diante, todas as conjunturas para preparar a luta própria e final.*¹⁴

Já no Aonde Vamos, parte quatro de 1967, o problema da guerrilha aparece de modo mais complexo. Ao falar de guerrilha automaticamente poderia ser feita uma associação com a revolução, mas as guerrilhas também podem ser usadas com *objetivos reformistas, como a “redemocratização” e a “soberania” do país, tentando enquadrá-la nas tradicionais alianças com facções da classe dominante.*¹⁵ O que irá definir uma guerrilha como realmente revolucionária será *a unidade e interdependência de métodos e objetivos*¹⁶.

A segunda questão é uma leitura que irá estar presente em todo documento, “*não podemos encarar o problema da luta armada e insurrecional isolado do contexto geral da luta de classe*”¹⁷, ou seja, a guerra é continuação da política de libertação do proletariado, só que agora através de outros meios. Para o Brasil, hoje a melhor forma de luta armada que está *dentro de um raciocínio estratégico e tático, é a guerra de*

¹⁰ **Manifesto abaixo a ditadura**, Autor: ORM – Polop. Acervo AVM – LABELU p.4.

¹¹ Ibid. Pág. 5

¹² **Teses de “Tiradentes”**. Autor: CN da ORM - Polop. Acervo: AVM – LABELU. p.3.

¹³ Ibid. p.3.

¹⁴ Ibid. p.4.

¹⁵ “**Aonde vamos? Parte 4**” Autor: CN da ORM – Polop Acervo: AVM. p.36.

¹⁶ Ibid. p.36.

¹⁷ Ibid. p.37.

*guerrilha*¹⁸. A Polop tenta analisar como a experiência de outros países podem ajudar o Brasil, para isso debate características de algumas guerrilhas, principalmente de Cuba. Destaca fatores qualitativos como consciência, moral política além dos objetivos de luta definido, mas evidencia que o principal fator para a vitória foi a greve geral, o levante das cidades. Destarte, conclui que *a cobertura política da guerrilha tem de ser adaptada conscientemente às contradições concretas da luta de classe do país em que se desenvolve*¹⁹ em outras palavras, a guerrilha não pode substituir, de forma alguma a luta de classes.

No mesmo ano, durante o IV congresso da ORM – Polop é aprovado *O programa socialista para o Brasil*, no documento mais importante da organização. A guerra de guerrilha aparece com o objetivo de cumprir a função de *acelerar o surgimento de uma situação revolucionária*²⁰, sendo assim seu principal papel é de *desgastar o aparelho de repressão, tanto do ponto de vista militar, quanto econômico e político*.²¹ Esse enfrentamento e desgaste colocará no cenário político uma nova liderança, que deve ser a alternativa revolucionária ao poder da classe dominante, *fato consumado do foco de guerrilha elevará o nível da luta, apressará a unificação das forças da esquerda revolucionária e a constituição do partido revolucionário da classe operária*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A Polop atribuiu a derrota de 1964 ao reformismo e perda de independência política, que deixou a classe trabalhadora fadada ao fracasso e entregue a burguesia. Coerente com este diagnóstico, formulou linhas de ação para combater a ditadura que não se limitavam à afirmação da luta armada, mas procuravam articulá-la com a ativação revolucionária da classe trabalhadora nas cidades. Por isso a luta contra a ditadura poria em movimento forças que não se limitariam à restauração da democracia liberal, mas que avançariam para a revolução socialista. Trata-se de uma perspectiva que diferencia a POLOP de todas as outras organizações clandestinas.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Joelma Alves de. POLOP: As origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967). Dissertação de mestrado. UNESP. Araraquara, 2007
LEAL, Leovegildo Pereira. Política Operária: a quebra do monopólio político, teórico e ideológico do reformismo na esquerda brasileira. Dissertação de mestrado. UFF. Niterói, 1992.
NETO, Eurelino Teixeira Coelho; SANTOS, Igor Gomes; LYRA, Henrique Jorge Buckingham. POLÍTICA OPERÁRIA, 1959-1986. História de uma organização revolucionária brasileira. Projeto de Pesquisa apresentado a FAPESB, 2009.

¹⁸ Ibid. p.37.

¹⁹ Ibid. p.40.

²⁰ **Programa socialista para o Brasil**. Setembro de 1967. Autor: CN da ORM. Acervo AVM – LABELU. p.23

²¹ Ibid. p.23.